

A MUSA DE YVES SAINT LAURENT



ROMANCE

C. W. GORTNER

Autor bestseller internacional

500 MIL LIVROS VENDIDOS

TOP
SEL
LER

Para o Erik,
antes, agora e sempre

Prólogo

Quando a tua mãe te batiza com um perfume chamado *Shocking*, podes esperar viver uma vida excecional.

Já viste o frasco? Um torso feminino em vidro, com o perfume no interior a parecer rosa líquida, sob a gravação delicada de um peitoral amazónico. Inapropriado para uma rapariga adolescente, quanto mais para uma bebé, embora só mais tarde me tenha dado conta disso, e, de qualquer maneira, não teria feito diferença.

A minha mãe trabalhara para a extravagante criadora do perfume, Elsa Schiaparelli, que a Coco Chanel desprezava tanto que chegou a pegar fogo ao vestido dela numa festa. Nascida Maxime Birley, a minha mãe era uma aristocrata irlandesa. O seu pai, Sir Oswald Birley, pintava retratos da realeza, e a sua mãe, Lady Rhoda Birley, alimentava os roseirais com *bouillabaisse* e cavalgava em caças à raposa vestindo um sari. A minha mãe nunca acreditou naquele estilo de vida. Para ela, a linhagem não era desculpa para se resignar passivamente ao que o mundo lhe atirasse.

E ela não se resignava. Os seus casos extraconjugais irritaram tanto o meu pai, o Conde Alain de le Bailly de la Falaise, que podia traçar a sua ascendência até ao século xvii, que lhe pediu o divórcio após apenas quatro anos de casamento. Decorria o ano de 1950, e os tribunais franceses deram-lhe razão, declarando-a uma mãe indigna e atribuindo-nos à custódia do papá. Eu tinha 3 anos. O meu irmão, Alexis, tinha 2.

Foi apenas muito mais tarde que compreendi o impacto profundo que o abandono dela teve em mim. Ainda assim, nunca fiquei ressentida com ela por isso, embora muitas pessoas achassem que devia. Foi a primeira pessoa a ensinar-me a ser imprevisível e a criar a minha própria existência, embora tenham passado muitos anos até conseguir cultivar aquela semente de sabedoria que emergiu do seu caos. Esperavam que fosse tantas coisas, sabes? Tudo, exceto aquilo que acabei por ser.

Agora, posso dizer, com sinceridade, que vivi uma vida excepcional. Uma vida muito imprevisível.

Fui testemunha de um tempo que nunca voltará. Uma era de inovação incandescente e ousadia — não terá sido ao acaso que o *Shocking* fora a minha pia batismal. Foi uma era de aclamação deslumbrante e rivalidades sísmicas, de noites de pó branco refratadas em paredes de espelhos cúbicos e de caos operático sob luzes estroboscópicas pulsantes. De raparigas envoltas em turbantes e pulseiras de esmalte, desfilando em passarelas palacianas, e de celebridades embevecidas, desesperadas por serem incluídas na nossa decadência. De *boutiques* de *design* arrojado, coroadas pelas iniciais de um príncipe cujo reinado foi tão supremo que o tornou uma lenda, e de segredos que nos destruíram.

Vivi no tempo de Yves Saint Laurent.

Chamavam-me a sua musa.



1.ª PARTE

**A COLEÇÃO
SCANDAL**

1970-1971

Não me quero encontrar no passado.

— YVES SAINT LAURENT

1

A mamã estava a preparar-nos *cocktails* no seu apartamento em Riverside quando fez a declaração que mudou a minha vida:

— Estás a perder o teu tempo aqui. Não há moda na América.

Eu estava a enrolar um charro na sua mesa de centro.

— Nem o Halston?

— Presumo que ele possa ser uma exceção, mas ainda assim não é alta-costura. — Agitou o *shaker* com o martíni de modo a sublinhar a sua afirmação, exibindo o cabelo ruivo impecavelmente penteado, bem como a silhueta ainda esbelta envolta num vestido diminuto com corte em trapézio que eu lhe tinha comprado em Londres. — A Diana diz que agora o Halston tem financiamento suficiente, portanto talvez pudesses trabalhar para ele.

A Diana era a Vreeland, editora-chefe da *Vogue*, sempre com o dedo no pulso da moda.

Acendi o charro.

— Ele já tem pessoal suficiente.

— Percebo. Preferes andar pela Factory do Warhol, sem fazer nada.

— Tu vais lá mais do que eu — comentei, com uma gargalhada.

— Adoras como as *drag queens* te endeusam por cozinhares empadão e lhes dares dicas de maquilhagem.

— Alguém tem de alimentá-las e ensinar-lhes a não usarem tanto rímel. — Servindo os martínis, trouxe-me um copo. Engasguei-me

com o fumo do charro. — Além disso, é o Andy que anda atrás de mim — disse ela, com um ar teatral, sentando-se à minha frente. — Quer que eu participe num dos seus filmes tolos, como uma *groupie* ou lá o que ele lhes chama.

— Ele chama-lhes *superstars*. A Berry tem tirado fotografias maravilhosas delas. — A mamã fez um beicinho de desdém.

— Enquanto a irmã dela, a Marisa, está a tornar-se uma modelo de sucesso. Elas são netas da Schiaparelli. Não vejo porque é que a Berry também está a desperdiçar o tempo na Factory.

— Porque o Andy está a lançar uma revista, e a Berry quer fotografar para o projeto. Ele acabou de criar a capa com os Fondas para a *Time*. Até o teu marido acha que as pinturas do Andy deviam ser exibidas no Met.

— Aquelas desconcertantes latas de sopa — suspirou. — O meu John pode ser muito persistente no que diz respeito aos seus protegidos rebeldes. O Met está horrorizado com a sugestão, claro, uns disparates sobre comercialismo grosseiro, mas talvez eu devesse fazê-lo. O que achas? Devo fazer um filme com o Andy e chocar o conselho do museu? Sabe Deus como eles precisam de algo que os faça descer dos seus pedestais.

Recostando-me no sofá, saboreei o efeito da minha moca. Como frequentemente acontecia, a conversa tinha-se desviado da minha falta de ambição para a sua necessidade de provocar. Até que ela disse:

— Não podemos contar com a nossa juventude para sempre. Acabamos todos por precisar de um porto seguro. Eu casei com o Met.

— E eu casei com o Desmond Fitzgerald, Cavaleiro de Glin — lembrei-lhe.

— Pois. — Torceu o nariz. — Tinhas 19 anos na altura e disseste que sim ao primeiro homem a pedir-te em casamento. O que esperavas de um barão irlandês com uma propriedade? Eu bem te avisei: ele é aquilo a que chamamos um «aristocrata», com toda a bagagem que isso implica.

Claro que ela nunca me tinha avisado. Encarou o meu casamento como uma brincadeira, para a qual chegou atrasada e demasiado produzida. Mas era típico dela reinventar o passado, por isso limitei-me a dizer:

— Pois, não esperava autocarros de turistas a visitar os terrenos todos os fins de semana e a ouvi-lo dar palestras sobre a propriedade.

— Nem, imagino, esperavas ter de supervisionar mesas impecavelmente postas para vinte pessoas da laia dele, com um mordomo a pairar no teu ombro — acrescentou ela, num tom seco.

— *Tu* sabias o que te esperava quando casaste com o papá? — As palavras escaparam antes que eu pudesse travá-las. No silêncio que se seguiu, o clique do seu isqueiro pareceu ensurdecador. Eu tinha transgredido uma linha invisível entre nós: o meu erro passado era um alvo permitido, o dela não.

— Eram tempos diferentes — disse ela, por fim, inalando o fumo do cigarro. — Estás a culpar-me pelo teu brevíssimo casamento?

— Claro que não. — Resisti à vontade de revirar os olhos. — Fui eu a que lhe disse que sim. Depois fiquei louca de tédio. Acho apenas que tu também te terias divorciado dele.

Ela passou os dedos pela aliança.

— E divorciei. Divorciei-me do teu pai. Agradece por não teres tido filhos. Segundo os tribunais franceses da altura, não estava apenas a abandonar um marido; estava a abandonar os meus filhos. Declararam-me *une mère indigne*.

Uma mãe indigna. Aquela rara admissão deixou-me desconcertada.

— Nunca te culpámos, mamã. Eu e o Alexis sabemos o quanto estavas infeliz.

— Desesperadamente. Deve ser a maldição da nossa família. Temos infâncias de órfãos e primeiros casamentos miseráveis. — Com o cigarro a postos numa mão, deu um gole na bebida com a outra. — E depois temos de partir e ganhar a vida.

Muitas coisas poderiam ser ditas sobre a minha mãe, mas nunca que se afundava em autocomiseração ou arrependimento. Nunca admitiu abertamente que, após a sua fuga, eu e o Alexis, o meu irmão, fomos enviados para famílias de acolhimento pelo nosso pai, que não só não tinha interesse, como não fazia ideia de como criar duas crianças pequenas. O que se seguiu foram anos em internatos por Inglaterra, com férias divididas entre ele, em França, e os nossos avós maternos, em Sussex, já que a mamã estava sempre ausente numa nova aventura.

Quando me casei com o Desmond FitzGerald, Vigésimo Nono Cavaleiro de Glin — devidamente bonito e com título, dez anos mais velho do que eu —, a mamã desenterrou uma antiga peça de renda de família para eu usar como véu nupcial no dia do meu casamento. Uma previsão inquietante de como correria aquela união. Ela talvez tenha pensado nisso como o seu aviso de que eu estava a prender-me a uma existência enclausurada, onde a espontaneidade era evitada e o sexo tão programado e desinspirado quanto os jantares para vinte à mesa perfeitamente disposta.

Ainda assim, celebrou a ocasião ao aparecer na receção com o cabelo cortado ao estilo novo de Vidal Sassoon, envergando um vestido de lantejoulas prateadas ao estilo dos anos 20 e uns brincos em cascata, um dos quais perdeu enquanto dançava desenfreadamente na pista. O padrinho do meu marido, John McKendry, curador de fotografia no Met, lançou-se no meio do caos à procura do seu brinco perdido. Ainda me lembro do riso dela quando ele, ofegante, o encontrou e lho devolveu.

— É falso, querido — dissera a minha mãe, lançando-lhe o olhar tímido de uma debutante escandalosa, embora tivesse 45 anos na altura e ele fosse onze anos mais novo, tão magro que desaparecia quando se punha de lado. — Não precisavas de te dar a tanto trabalho.

Enquanto os via dançar juntos, observando a mamã a libertar todo o seu arsenal de charme, o meu irmão sibilava-me ao ouvido:

— Acabou de encontrar o bilhete para a América.

E tinha razão. A Maxime casou com o John em menos de um ano e mudou-se com ele para Nova Iorque. Era assim que a mamã sobrevivia. Avançava sem olhar para trás.

— A vida há de se vingar. Temos de encontrar algo que amemos fazer mais do que qualquer outra coisa. Eu encontrei-o em Paris. Não te lembras de quando te levava a ver as coleções? Ficavas sempre hipnotizada com as roupas. Afinal, és meio francesa — disse ela agora.

Não me lembrava. A única memória que tinha dela durante os anos de internato era a vez em que apareceu numa tarde de encontro com os pais, usando um pequeno chapéu com véu e um vestido branco justo de *jersey* desenhado pela Schiaparelli e estampado com motivos surrealistas de olhos, criados por Dalí. Provocou consternação na diretora da escola, que acreditava que casacos de malha e pérolas discretas deviam ser um uniforme. Participou no encontro no salão, a atirar-se ao pai de uma das alunas, provocando olhares de soslaio da esposa dele e dos outros pais. Depois, insistiu em ver a minha cama apertada no dormitório, resmungando «Onde é que está o espaço para arrumações?» antes de partir de novo para Paris.

Isto aconteceu alguns meses antes do meu 16.º aniversário. Menos de um ano depois, fui expulsa por insubordinação e enviada para viver com os meus avós, onde a minha avó, com o chapéu de jardinagem na cabeça, me informou de forma muito precisa:

— Tens de arranjar um marido até aos 20 anos. Não vou permitir que te tornes num fardo debaixo do meu teto.

Estremecendo perante a lembrança, afirmei:

— Não conheço ninguém em Paris.

— Tens aquele namorado francês *designer*. Como é que ele se chama mesmo?

— Fernando Sánchez. É belga e desenha peles para a Revillon Frères. Não é meu namorado.

— Mas ainda vive em Paris, não vive? Certamente conhece muita gente. — Levantou-se para adicionar mais martíni ao copo. — Não é como se houvesse algo a prender-te aqui.

— Estás a tentar ver-te livre de mim? — A pergunta escapou-me antes de me dar conta do que estava prestes a dizer. — Pensei que gostavas de me ter em Nova Iorque.

— Naturalmente que gosto de te ter aqui. — Encolheu os ombros. — Mas a sério, querida, tens tanto estilo. Herdaste-o de mim. Estilo é a coragem de fazermos o que nos apetece. Apenas os franceses sabem como apreciá-lo.

— Sempre achei a moda francesa enfadonha. Nunca falámos disso na *Queen* — disse eu, referindo-me à revista de moda londrina onde também trabalhei brevemente.

Ela olhou para mim com um ar divertido.

— Chanel. Dior. Balenciaga. Até a minha antiga patroa e monstro sagrado, Schiaparelli. Todos se tornaram lendas porque se estabeleceram em Paris. Se vês uma carreira na moda com seriedade, Paris é o lugar certo.

Para minha surpresa, pensei que talvez tivesse razão, embora raramente concordasse com ela. A sua preocupação inesperada e loquaz com o meu futuro podia ser desconcertante, mas tinha seguido os seus passos em mais do que apenas um primeiro casamento desastroso. Também tinha adotado o seu hábito de me aventurar no mundo da moda, onde uma linhagem aristocrática tinha peso. Não que a minha linhagem significasse algo para mim. Já tinha visto o seu lado sombrio: o telhado da mansão do meu pai a desabar devido a uma falta crónica de reparações; o snobismo isolador dos meus avós. No entanto, na moda, significava algo, porque a fantasia dessa origem vendia roupas. Na verdade, mal tinha terminado um divórcio cortês e me mudado para Londres quando a *Queen* me ofereceu um posto de trabalho.

Era uma modesta publicação de sociedade que cobria eventos da realeza. A nova editora-chefe tinha como alvo raparigas encantadoras, de cabelo comprido, que largavam a escola e dormiam com músicos. Sugeriu reunirmos esforços para promover *designers* britânicos emergentes, como o Ossie Clark, coproprietário da popular

boutique Quorum. Era ali que passava os meus tempos livres, ajudando nos desfiles barulhentos que aconteciam dentro da loja e a decorar as montras, vestindo uma minissaia, ligas e meias pretas. Quando os transeuntes paravam para olhar, provocava-os.

A guerra do Vietname era transmitida na televisão todas as noites. Jovens marchavam pelas ruas, exigindo o fim da guerra, clamando por direitos civis e igualdade. Nenhum de nós queria eletrodomésticos a condizer ou a repressão dos nossos pais. Perseguíamos o amor e a liberdade, uma vida sem regras, sem planos traçados para o futuro. Londres era o nosso recreio.

Durante uma viagem a Nova Iorque para visitar a mamã, ela apresentou-me à Vreeland, que ficou tão entusiasmada com a minha camisa medieval com folhos e bermudas escarlate adquiridas num leilão de figurinos de teatro, que me pediu para posar para a *Vogue* com um bolero de lamé e pelo de macaco desenhado pelo Fernando. Foi ele quem estilizou a sessão. Eu gostava dos seus caracóis negros brilhantes, das faces magras e dos dedos ágeis. Ele falava francês, espanhol e inglês. Disse-me que eu era espontânea em frente à câmara. Achei a sua atenção lisonjeadora, mesmo que eu não tivesse qualquer ambição de ser modelo.

Ainda assim, decidi ficar em Nova Iorque para ver como as coisas corriam.

Numa festa na Factory, conheci a Berry, cuja avó tinha empregado a minha mãe. Estava à procura de uma colega de apartamento para o seu prédio sem elevador no cruzamento da Second Avenue com a Fifty-Eighth, onde partilhávamos uma cama desdobrável e cobríamos os candeeiros tortos com lenços tingidos em chá. A Berry estava a explorar a sua paixão pela fotografia. Eu continuava a aceitar qualquer trabalho ocasional na moda que surgisse. Festejávamos na Factory, entre os matulões do Andy Warhol, de camisolas de alças e calções dourados, e as raparigas de pernas compridas em busca de fama e milionários.

O Halston tinha acabado de abrir a sua *boutique* homónima na Madison Avenue; durante uma receção com *cocktails* que lá teve

lugar, admirou o meu xaile, que eu tinha serigrafado enquanto estava sob o efeito de ácido na Factory. Ofereci-me para lhe tingir tecidos na banheira dele, manchando os seus azulejos importados de Carrera. Ele usou os tecidos numa coleção.

O Fernando vinha frequentemente a Nova Iorque vender o seu portfólio; saíamos para dançar, drogávamo-nos e dormíamos juntos. Não pensava muito nisso. Tinha acabado de fazer 23 anos e já tinha sido casada e divorciada. Não procurava permanência.

— Ele disse que podia visitá-lo sempre que quisesse — pensei em voz alta, começando a gostar da ideia.

— Então faz isso. — A mamã esvaziou o martíni. — Se eu tivesse a tua idade, certamente que o faria.

2

— **É** isso que vais vestir? — A voz arrastada da Betty chegou-me aos ouvidos antes de a sua forma esguia aparecer no espelho de corpo inteiro encostado à parede do quarto. Os esboços do Fernando estavam colados à volta da peça como confetes. Eu tinha estado a posar para ele, uma modelo viva para inspirar os seus desenhos.

— A companhia aérea perdeu a minha outra mala — disse eu.
— Isto é tudo o que tenho.

Apertando o cinto com franjas em torno da cintura dos meus calções curtos, observei-a a aproximar-se de mim, os ossos salientes do seu rosto emoldurados pela cabeleira lisa de um louro-branco, as pernas intermináveis envoltas em calças e uma camisa branca engomada, sem colarinho, desabotoada até ao umbigo.

— É... como dirias? *Estiloso?* — Um sorriso curvou os seus lábios rosados enquanto deixava o elogio escapar. Tínhamo-nos conhecido no Chez Régine, uma discoteca em Montparnasse, no mesmo dia da minha chegada. Estava exausta da viagem e determinada a divertir-me quando ela e o seu elegante marido, o François, abriram caminho por entre as pessoas, que pareciam todas conhecer ou desejar conhecê-los. O Fernando conhecia-as e muito bem, como vim a descobrir. Tendo raramente testado a minha fluência em francês (havia aprendido a língua na infância, mas eu e a minha mãe falávamos em inglês, e já não vivia em França há dezasseis anos), a Betty declarou

que o meu sotaque era péssimo, como se eu tivesse acabado de me mudar para Paris vinda de alguma província horrível. Fez-me rir.

Ela gostou disso.

— Uma rapariga inglesa com sentido de humor. Que raro.

— Anglo-irlandesa pelo lado da minha mãe — corrigi. — Francesa pelo lado do meu pai.

— Só a parte francesa conta em Paris — respondeu ela, e continuámos a dançar até ao amanhecer. Quando nos despedimos na rua, com os sapatos entrelaçados nas mãos, convidou-me para um desfile de alta-costura de Saint Laurent com a mesma naturalidade com que me convidaria para um *brunch*.

Agora, acendia um cigarro e exalava o fumo.

— Já te contei que uma vez fiz de modelo para a Chanel? Uma mulher hedionda. Ela gosta dos seus modelos como gosta dos seus fatos: cortados até ao osso.

Virei a minha única mala ao contrário em cima do *futon*, vasculhando a confusão de roupa que tinha atirado lá para dentro sem pensar.

— Ela vai estar lá hoje?

— Nunca. Na cabeça dela, não existem outros *designers*, embora ela já não esteja no seu auge e o Yves a vá ultrapassar. Se quiseres impressioná-lo a *ele* — acrescentou a Betty, enquanto eu procurava as minhas botas de camurça —, ele prefere mulheres que usem as suas roupas.

Encontrando as botas, segurei-as, reparando que estavam manchadas de tanto andar por Nova Iorque na lama do inverno.

— Tenho estas.

— Ah, Rive Gauche. O pronto-a-vestir dele. A linha acessível. «Uma *boutique* para cada mulher. Nenhum vestido exclusivo para as senhoras ricas.» Ou pelo menos é isso que ele diz aos *snoobs* que o criticam por vender para as massas.

— A alta-costura é assim tão diferente? — Calcei as botas sobre as minhas meias altas brancas e enrolei um lenço na cabeça sobre o cabelo curto, ainda a crescer de uma descoloração mal feita quando

todos na Factory decidimos reproduzir a queda do Andy por perucas e o saudámos com uma assembleia de bonecas replicadas.

Examinando o meu colete de veludo castanho-avermelhado e a camisa de figurino com as suas pregas manchadas, apertei uma pulseira sobre o pulso e decorei o meu decote raso com colares de pedras preciosas falsas.

— Em breve verás. — A Betty deitou a cinza no cinzeiro ao lado da cama. — Não sabes nada sobre alta-costura, pois não?

— Nem por isso. — Ri-me. — Nunca lhe liguei.

— Isso explica porque é que te vestes como uma aluna rebelde, com roupas em segunda mão.

— Bem, fui de facto expulsa do colégio interno. Duas vezes.

— Como não? A tua mãe é a Maxime de la Falaise. — A Betty observou-me enquanto recolhia tudo de volta para a mala. — Como é que ela está, a propósito? — Falava como se se conhecessem pessoalmente.

— Ainda casada. Ou estava, da última vez que a vi.

— O Yves tem uma fraqueza fatal por aristocratas que sobrevivem a revoluções.

Meti os meus cigarros no bolso.

— Isso soa a ela. E à minha infância.

— Ele vai admirar-te por também teres sobrevivido a isso. Já para não falar do facto de teres deixado o marido com título e castelo para seres *hippie* em Londres. — A Betty sacudiu o cabelo sobre os ombros. — Considerarias trabalhar para ele?

O meu sorriso despreocupado não conseguiu esconder o salto repentino da minha pulsação.

— Ele está a contratar?

— Podia contratar-te — respondeu ela.

— Betty, para — gritou o Fernando da sala, onde revirava as almofadas do sofá à procura das chaves do carro. — A Loulou não está aqui para arranjar trabalho.

Ela fez um gesto com a mão na minha direção.

— Já tens trabalho?

— Não — disse eu. — Devia?

— Eu não tenho. Mas pelo menos estás disponível, se o Yves perguntar.

— O Pierre Cardin não tem nada a dizer sobre isso?

— O *Cardin*? — Emite um som de desdém. — Tens de contar isso ao Yves. À frente do Pierre.

Fiquei parada, confusa.

— Pensei que o Pierre fosse o namorado e parceiro de negócios dele.

— Há um Pierre que o é. O Pierre *Bergé*. — Ela entrelaçou o braço no meu. — Uma aluna rebelde com roupas de segunda mão que não liga à alta-costura. O Yves vai adorá-la-te.

O Fernando navegava pela cidade manchada de fuligem no seu VW Bug, o trânsito a abrandar até parar na rue Spontini, no 16.º bairro, a Torre Eiffel como um fuso ao longe. A Betty estava encolhida ao meu lado no banco de trás, as pernas dobradas até ao queixo.

— Nunca há estacionamento. — Ele virou para um labirinto de ruas secundárias, cercadas por elegantes casas em estilo Haussmann. — Um pandemónio. Nunca percebi porque escolheram este lugar.

— Porque o Yves adorava o *hôtel*¹. E o que o Yves quer, o Pierre arranja-lhe — respondeu a Betty. Trocaram um olhar através do espelho retrovisor, um *frisson* entre eles.

Bergé, lembrei-me. Não Cardin.

— Podes deixar-nos aqui. — Puxando pela maçaneta da porta, ela obrigou o Fernando a travar a fundo enquanto se atirava para o passeio. — Vem comigo, Loulou.

Encontrei os olhos escuros e sombrios do Fernando.

¹ *Hôtel particulier* é uma mansão privada urbana e luxuosa situada nas grandes cidades, que se contrapõe arquitetonicamente aos blocos de apartamentos que tendem a encontrar-se nas cidades francesas. [N. do T.]

— Vai — disse ele. — Eu e o Yves andámos juntos na escola. Ele não se importa se eu me atrasar. Mas importa-se que a Betty se atrase. Tens alguma coisa contigo?

Tirando um charro do meu pacote de Gauloises, dei-lho, e depois corri atrás da Betty enquanto ela se encaminhava para o *hôtel*.

— Ele é gay — comentou ela.

— Quem?

— O espanhol de olhos penetrantes com quem estás a dormir.

— Então é uma sorte eu não estar a planear casar com ele.

A Betty riu-se.

— Eles são tão irresistíveis. Desejam-nos de corpo e alma, mas só se formos o que eles querem ver. Temos de ser os seus espelhos.

Percebi um tom amargo na sua voz.

— Todos?

— Todos aqueles que desenham roupas para nós. — Ela guiou-me pelos corredores traseiros que rodeavam o salão, onde percebi estar uma multidão. — A alta-costura dele é apenas por convite. O Pierre cobra três mil francos pelo privilégio e atribui os lugares com antecedência. Qualquer jornalista que tenha criticado uma coleção anterior é excluído. Lutam pela primeira fila como animais. — Virando a esquina, ela apontou para uma porta. — Podes vê-lo daqui. É um ótimo lugar para ver o desfile e evitar as facadas nas costas. Venho buscar-te depois.

Dirigindo-me para a porta, observei um salão imaculado, pintado de branco e surpreendentemente pequeno, com um corredor aberto no chão alcatifado que partia de um arco com cortinas, com filas de pequenas cadeiras douradas em ambos os lados.

Tudo o que sabia sobre alta-costura era que era feita à mão, impossivelmente cara e acessível apenas aos ricos, que faziam peregrinações semestrais aos costureiros parisienses. Enquanto observava as mulheres de chapéu e luvas brancas, como se estivessem a assistir a uma *soirée* num jardim, imaginei uma coleção de vestidos de baile elaborados, rígidos como cortinas de palácio e inchados com

anáguas, o tipo de coisa que uma princesa usaria ao descer uma escadaria de mármore.

Perante um sinal inaudível, a audiência foi tomando os seus lugares nas cadeiras douradas, os da primeira fila acompanhados por taças de champanhe de cortesia. Vi o distinto perfil de rapina da Vreeland entre eles e pensei em abordá-la, mas contive-me. Ficaria surpreendida por me ver ali, à espera, sem lugar atribuído.

Quando as modelos começaram a aparecer vindas do arco com cortinas, o silêncio engrossou a névoa de fumo de cigarro que congestionava o ar.

Eu respirava com dificuldade.

A paleta era em tons de preto, azul-marinho, bege e cinza, com blusas de estilo escolar enfiadas em calças plissadas e casacos de lã com ombros caídos que me lembravam dos meus uniformes do colégio interno. Pulôveres de malha com padrão em ziguezague sobre saias largas tinham um ar discreto de *café society*, enquanto as gabardinas com cinto evocavam escapadelas exóticas. Sobretudos leves combinados com macacões de algodão pretos poderiam ter sido usados por qualquer uma das raparigas de pernas longas que competiam para chamar a atenção do Warhol na Factory, embora as modelos no desfile estivessem impassíveis, cada rodopio e pausa precisos como um relógio, antes de elas desaparecerem.

Não havia música. Nem qualquer som.

Se isto era alta-costura, não me parecia sagrado nem inacessível. Achei aquilo aborrecido, para ser honesta. No entanto, algo nas roupas devia estar errado, pois uma mulher de pérolas sentada perto de mim, na última fila, sibilou para a sua igualmente discreta acompanhante:

— O que está ele a mostrar-nos esta temporada? Roupas para rapazes?

Não o tinha reconhecido, mas, assim que ela falou, percebi que os conjuntos eram de facto artigos básicos de um guarda-roupa masculino, interpretados para uma forma feminina estilizada. A subtil

reviravolta atingiu-me com a sua rebeldia dissimulada, uma nota subjacente de intriga desafiadora estampada em cada peça, como a Betty.

O seu controverso fato Le Smoking precedeu os fatos de noite monocromáticos: calças de fato evasê por baixo de um casaco de lapela de cetim aberto sobre uma camisa de organza translúcida desabotoada, realçando o brilho da pele. Seguiram-se macacões de lantejoulas, apertados com faixas de tafetá cor-de-rosa, e vestidos justos sem costas com uma fenda até à coxa, adornados por correntes com medalhões no lugar de cinto.

Quando a noiva do final apareceu num vestido de seda transparente, provocou um suspiro coletivo. Plumas de marabu negras brotaram dos quadris da modelo de cabelo vermelho-chama; um cinto prateado serpenteante apertava a sua cintura finíssima. O seu torso nu mostrava-se sob o tecido numa silhueta marmoreada, um símbolo de empoderamento feminino, para mulheres que se deleitavam na independência e se viam como iguais, com todo o direito de usar, ou não usar, o que quisessem.

Mulheres como eu, se o pudesse pagar. De repente, perguntei-me como seria usar algo feito exclusivamente para o meu corpo, ajustado a mim pelo próprio *designer*.

A Vreeland levantou-se em aplausos fervorosos, juntamente com John Fairchild, do *Women's Wear Daily*, cuja opinião, soubera eu em Nova Iorque, ditava as encomendas sazonais para as grandes lojas norte-americanas.

Então, o Yves Saint Laurent apareceu para fazer a sua vénia.

Alto e esguio como uma sombra, o seu casaco de veludo negro e a camisa com padrão de cornucópias estavam colados à sua forma alongada, um lenço diáfano atado ao pescoço, e umas calças de cintura baixa com um cinto largo e metálico que lhe abraçava os quadris estreitos. Com a barba rala e o cabelo castanho-claro até aos ombros, moldando os seus traços definidos, poderia ser o irmão gémeo da Betty. Ao ajustar os seus grandes óculos de tartaruga sobre o nariz proeminente,

levou a outra mão ao coração num humilde gesto de agradecimento, um sorriso a brotar-lhe nos cantos da sua boca larga. Ao virar-se, desapareceu, deixando um burburinho ofegante atrás de si.

Os editores de moda convergiram numa discussão ansiosa. A mulher de pérolas e chapéu, juntamente com a sua amiga, passaram por mim aos empurrões e resmungando.

— Foi a isto que chegámos? Pornografia no salão do Yves Saint Laurent?

Tive de conter o riso.

— Loulou. — A voz da Betty fez-me dar a volta; acenava-me da zona do corredor.

Ele estava por detrás do arco, rodeado por modelos nuas que se despojavam das roupas para que assistentes de bata branca as pudessem devolver aos cabides. Uma das suas mãos estava pousada na cintura e tinha a cabeça baixa, a fitar o chão como se nada pudesse abalar a sua postura serena. Isso fez-me questionar se ele compreendia o furor que havia provocado.

Depois, lembrei-me do seu meio sorriso astuto ao fazer a vénia.

Um homem atarracado com um fato azul e o cabelo grisalho a retroceder, eriçado como o pelo de um texugo, gritava instruções para os assistentes. Murmurou algo para o Yves, que deu um aceno cansado com a cabeça, e depois marchou para o salão, saudando os editores com grandes exclamações. Ao que parecia, conhecia todos pelo nome próprio.

O Yves trocou um olhar com a Betty, que revirou os olhos.

— Impossível — disse ela. — Deixa-o fazer de touro e reuni-los. É óbvio que adoraram a coleção.

— E tu? — Ele virou-se para mim, a voz mal um sussurro.

— Bastante. Foi... — Procurei a palavra certa. — Improvisável.

Deu um breve aceno com a cabeça.

— É assim que deve ser. — Esticou-se então um momento de silêncio que deveria ter sido constrangedor, sendo nós estranhos, mas foi antes quase terno. — A Betty diz-me que desenhas para

o Halston. — Os seus olhos azuis e límpidos encontraram os meus.

— Estás a usar algo dele?

— Não desenho para ele. Tudo o que estou a usar é em segunda mão. Exceto as botas.

Ele piscou os olhos.

— Até a pulseira?

A sua observação apanhou-me de surpresa.

— É uma argola de guardanapo. Roubei-a do Le Petit Saint Benoît. Consigo ser uma ladra incorrigível.

— Também roubaste as botas? — A sua boca contorceu-se, como se estivesse a lutar contra um sorriso.

— Comprei-as em Nova Iorque. Em saldos.

Toda a sua postura derreteu.

— Quanto tempo ficas em Paris?

— Não sei. Nunca planeio a longo prazo.

Ele observou-me.

— Convidava-te para jantar connosco, mas o Pierre já programou a nossa noite inteira com os editores. Tão entediante.

— Talvez noutra altura. — Mantive o tom leve, porque ele parecia temer que eu o achasse rude por não incluir uma estranha nos seus planos para a noite.

— Podem ambos ver-se no domingo. — A Betty apertou-lhe o braço. — A Loulou vai ficar com o Fernando. Ele vai dar o seu chá da tarde. Prometeste ir desta vez. Terminaste a coleção e mereces divertir-te um pouco.

— Se eu não for, quando é que te volto a ver? — Soltou um suspiro tenso, os olhos ainda fixos em mim. — Criei esta coleção para a Betty.

— Sim — disse eu suavemente. — Revi-a nas peças.

Ele ficou mais um momento em silêncio, antes de inclinar a cabeça.

— Foi um prazer conhecer-te, Loulou. Gostava que pudéssemos conversar mais. Por favor, dá-me licença.

Enquanto ele entrava no salão para outra rodada de aplausos, percebi que não tínhamos sido apresentados, mas ainda assim ele sabia o meu nome.

— O que lhe disseste sobre mim? — perguntei à Betty, curiosa. Ela encolheu os ombros.

— Nada, na verdade. Não há muito para contar, segundo o que tu dizes.

Tive de sorrir.

— Nem que só a minha parte francesa é que importa?

— Ele gosta que sejas meio inglesa. — A Betty sacudiu a sua cabeleira para trás. — Esquece Nova Iorque. Ele está entusiasmado contigo. Tens de ficar aqui connosco.

Naquela noite, na cama com o Fernando, perguntei:

— Ele é sempre assim tão educado?

O Fernando riu-se.

— Na Dior, chamavam-lhe *le petit prince*.

— A Betty diz que eu o entusiasmo, seja lá o que isso signifique.

Ela quer que eu fique.

— Ela saberia. São como irmãos. Mas a Betty não leva nada daquilo a sério. Começou a ser modelo por dinheiro, depois conheceu o François e casou-se com ele. A moda, para ela, é uma brincadeira de vestir. — Fez uma pausa. — Queres ficar? Eu não me importo.

Não respondi, a minha mão sobre o seu peito cheio de pelos. Pensei que provavelmente deveria falar sobre o que a Betty me dissera. Não me tinha chateado, a maioria dos homens que conheci no mundo da moda dava para os dois lados, mas, se ele preferia homens, deveríamos ser honestos quanto a isso.

— Aquele era o amante dele, o Pierre? O do fato azul?

— Era ele. Formidável como o Napoleão.

— Há quanto tempo estão juntos?

— Quase treze anos. O Pierre tem 40, é seis anos mais velho do que o Yves. Tiveram um caso no ano em que o Dior morreu, mas

o Pierre estava a viver com um pintor, o Buffet. Ele foi ao primeiro desfile do Yves e começou a persegui-lo. Só ficaram juntos depois de as coisas azedarem na Dior.

— O que aconteceu na Dior?

— As coleções do Yves tornaram-se demasiado ousadas. — O Fernando suspirou. — Foi uma altura difícil para ele. Queria tornar a casa mais moderna, e os executivos da Dior revogaram a sua exceção ao recrutamento durante a Guerra da Argélia, para evitarem despedi-lo oficialmente. Ele foi então chamado ao serviço militar e teve um colapso nervoso.

Lembrei-me do ar tímido do Yves.

— Que horrível para ele.

— O exército meteu-o num hospital psiquiátrico durante um mês. O Pierre lutou todos os dias para o libertar. — O Fernando estendeu a mão para a mesa de cabeceira e pegou num cigarro. — Desde então que o Yves nunca fala sobre o assunto, mas ficou devastado. Não queria continuar a desenhar alta-costura. O Pierre atacou; vendeu tudo o que tinha para contratar um advogado e processar a Dior em nome do Yves. Usaram o dinheiro que ganharam para começar a sua própria casa. Sem o Pierre, o Yves nunca teria conseguido. Teria ido para o *design* de cenários de teatro.

— É como um conto de fadas: o cavaleiro a salvar o seu príncipe cativo.

— Já ouvi chamar-lhe coisas piores — disse o Fernando, com ironia.

— E eles não o escondem. É invulgar, não é?

Uma cortina pareceu fechar-se por trás dos seus olhos.

— Não deveria ser.

Decidi deixar o assunto de lado.

— É verdade que organizas chás da tarde para eles? Parece muito chique. Eu não tenho nada para vestir.

Ele riu-se.

— As *minhas* festas não são chiques. Podes vestir o que quiseres.

3

Ao longo do resto da semana, enquanto o Fernando desenhava os seus esboços no apartamento, eu fazia recados, comprando-nos baguetes, vinho e enchidos. A vaguear pelo seu bairro na Place Furstenberg, tomava café no Café le Flore, onde artistas e aspirantes a estilistas exibiam o seu feitio à mesa. Para minha grande alegria, numa viela em espiral não muito longe do café, deparei-me com uma loja de roupa em segunda mão.

Com a minha mala perdida para sempre, precisava de roupas novas, mas não tinha muito dinheiro para gastar. Resistindo a uma capa ao estilo gendarme pela qual me apaixonei, optei por umas calças de pijama em seda azul, com cinto, e uma saia cinza plissada menos cara. Depois, passei horas a passear pela avenida, desfrutando do brilho sujo de Paris no calor do final de junho.

No domingo, ajudei o Fernando a mover o sofá bege para arranjar mais espaço, colocando a bandeja de bolos que ele me pedira para comprar de uma pastelaria local junto a um bule de chá — ao estilo inglês, com chá de folhas soltas e um coador de prata — e copos de vidro pintado. «Como árabes», disse ele com um sorriso. Enquanto retirava os seus recentes esboços de vestidos de estilo *lingerie* da sua secretária de canto, eu enrolava charros sobre um tabuleiro de prata.

— Porque não deixas os teus desenhos à vista? — perguntei, lambendo as extremidades dos charros.

— O Yves talvez venha hoje. — Fechando a sua pasta, enfiou-a numa gaveta. — Loulou, viste a coleção dele. Toda a gente está a falar disso.

— Vi algumas das senhoras a sair, como se ele tivesse mostrado pósteres centrais da *Penthouse*.

— Os últimos dos dragões da alta-costura. Ninguém se importa com o que eles pensam. — Acendeu um charro e inalou fundo, como se precisasse de um reforço. — Nós adorávamos o Balenciaga quando estávamos na escola, mas ele fechou o seu *atelier* no ano passado, porque disse que já não tinha «ninguém a quem vestir». A Chanel sobrevive só pelo nome; quando ela morrer, acaba a alta-costura. O Yves sabia que tal ia acontecer. Ele usa a sua alta-costura para testar ideias para a *boutique* e depois reinterpreta-as de uma forma totalmente nova para a Rive Gauche, para que a alta-costura possa ser usada por mulheres na rua. Isso enfurece a Chambre Syndicale de la Haute Couture.

— A quê? — Soou-me a um vilão nefasto do James Bond.

— Tiranos que impõem regulamentos sobre quem pode fazer alta-costura, e os defendem a todo o custo. Eles têm medo de que o pronto-a-vestir os destrua.

— E o Yves não tem?

— A Rive Gauche está a fazer milhões. Ele mal consegue acompanhar a procura.

— Nunca quiseste trabalhar com ele? És amigo dele, e muito talentoso.

— Desenhei algumas roupas de *lingerie* para ele quando estavam a começar, mas não tinham dinheiro. Eu aceitei a oferta da Revillon. Quando conheci o Yves nos cursos de *design* da Syndicale, ele tinha acabado de chegar de Orão. Já era excepcional. Os seus esboços anteciparam a coleção de primavera do Dior antes de qualquer pessoa a ter visto; o Dior contratou-o por causa disso. Ele tem um sexto sentido para a moda. — O Fernando passou-me o charro, vendo-se ao espelho sobre a sua lareira. — Não há espaço para outro *designer* na casa dele. Um reino só pode ter um príncipe.

Fiquei em silêncio, a pensar que não pertencia ali. Para mim, a moda era uma aventura maluca, onde podia usar o que me apetecesse, não uma arena rígida, sitiada por regras.

— Além disso — continuou ele —, estou a preparar a minha própria linha de pronto-a-vestir.

Sentei-me sobre os calcanhares.

— Os novos esboços.

— Ter-te aqui inspirou-me. E eu conheço alguém que pode ajudar. Vais conhecê-la hoje. A Paloma Picasso.

— Como o pintor?

— O pai dela é o pintor. Ela desenha joalheria à medida. Formas e cores maravilhosas; desmonta peças *vintage* para criar novas. O Yves colocou arte na passarela com o seu vestido Mondrian. Eu vou colocar arte na passarela com as joias dela nas minhas roupas. A Paloma quer colaborar comigo.

— Que maravilhoso! — Bati palmas. — Posso ajudar?

— Podes. Preciso de toda a ajuda que conseguir. Assim que a Revillon me pagar pela temporada, farei amostras e começarei a procurar investidores. — Colocou um dedo sobre os lábios. — Não lhes digas nada.

— Prometo. A minha boca é um túmulo.

Ocupámo-nos a endireitar almofadas e outros objetos, a acender incenso e velas perfumadas. Quando a campainha do seu apartamento tocou, ele abriu a porta com um sorriso expansivo para receber a Betty e o marido. Com eles, estava uma jovem fascinante.

Usava um turbante e um vestido florido de ombros quadrados, complementado por um colar de *strass* colorido e sapatos de salto quadrado com atacadores. Os seus grandes olhos negros, sob sobrancelhas depiladas, dominavam o seu rosto cativante, e os lábios estavam pintados de vermelho granada — não bonita, mas completamente fora do comum, exalando *glamour* à moda antiga, tal como a Betty, com as suas calças de ganga largas e cinto sobre uma túnica preta, personificava o estilo descontraído de hoje.

— Paloma, esta é Loulou de la Falaise. Loulou, Paloma Picasso — apresentou o Fernando.

— Muito prazer em conhecer-te. — Eu estava fascinada por ela, embora apelidos normalmente não me impressionassem. Mas aquele não era um título herdado; ela era a filha de um dos artistas mais celebrados do mundo.

— O prazer é meu. — Um sorriso caloroso alargou-lhe os lábios. — Que conjunto encantador. Deves adorar remexer no sótão da tua mãe. Somos duas.

Eu estava descalça, com as minhas calças de pijama de seda e a mesma camisa com folhos que tinha usado para o desfile, os pulsos carregados de pulseiras até aos cotovelos. Ouvi-me a tilintar enquanto lhe beijava as faces e inalava um aroma sensual.

— Cheiras maravilhosamente.

— É o Y. — Estendeu-me o pulso. — O perfume do Yves.

A Betty esparramou-se no sofá com o François.

— Falando no Yves, ainda não chegou?

— Não — respondeu o Fernando. — Também não ligou.

— Mas estamos horas atrasados. — Acendeu um cigarro, exasperada. — É provável que o Pierre lhe tenha dito que ele não podia vir. Ele nunca quer que o Yves faça nada connosco. Está sempre...

— *Silêncio* — sussurrou o Fernando. — Eles estão a subir as escadas.

O homem baixo que eu tinha visto no desfile, o amante do Yves, entrou com um ar resolutivo. Atrás dele, com os ombros curvados sob um casaco caqui cingido e calças justas de sarja, vinha o Yves.

— Não conseguíamos encontrar lugar para estacionar — murmurou ele.

O ambiente na sala expandiu-se com a sua chegada, como um suspiro de alívio contido. Ele beijou a Paloma, cumprimentou a Betty, o François e o Fernando, e lançou-me um olhar abatido enquanto o Fernando dizia:

— Agora sabes como nos sentimos quando tentamos chegar a tempo aos teus desfiles.

— Vem sentar-te comigo. — A Betty deslizou contra o marido, batendo no lugar que acabara de vagar para o Yves. Começou logo a murmurar-lhe ao ouvido, fazendo-o rir. A Paloma empoleirou-se no braço do sofá, enquanto o Fernando se instalava à mesa, servindo-lhes chá e charros. O marido da Betty sorriu com uma tranquilidade plácida; o François parecia nunca dizer muito.

O Pierre aparentava estar estranhamente deslocado, com a sua camisa engomada e calças vincadas, como um acompanhante numa excursão escolar, enquanto o seu protegido no sofá se ria e ficava pedrado.

Depois, estendeu-me a mão.

— Pierre Bergé. Deves ser a Loulou de la Falaise.

O aperto dele era firme, e os olhos escuros, próximos um do outro, eram brilhantes e intensos. Tinha rugas à volta da boca emoldurada pela barba por fazer, uma linha de preocupação prematura vincada entre as sobrancelhas, e não se esforçava para disfarçar a avaliação que me fazia, como se estivesse a calcular o meu património líquido.

Ou a falta dele.

— A tua mãe, a Condessa de la Falaise, é bem conhecida em Paris — disse o Pierre.

— Ela ficaria encantada em ouvir isso. Adora quando as pessoas falam dela.

— Não estou a falar de boatos. Trabalhou para a Schiaparelli. — Ele falava de forma concisa, recitando factos que eram inquestionáveis. — Depois da guerra, a nossa economia estava em ruínas; a alta-costura era algo que podíamos exportar. Ícones da moda como a tua mãe tornaram-se essenciais para atrair clientes internacionais. Eram contratadas para usar as roupas em público. — Olhava-me com curiosidade. — A condessa foi tão bem-sucedida nisso que, quando a Schiaparelli fechou o *atelier*, o Collard contratou-a. Ela desenhou peças individuais antes do Givenchy, embora ele diga que ela lhe roubou a ideia.

Falava num tom tão rápido e conciso que demorei um momento a digerir tudo. Quando finalmente entendi, não consegui conter a incredulidade, achando que aquilo devia ser um dos muitos exageros da minha mãe, espalhados como pólen por onde quer que passasse.

— A minha mãe desenhou uma *coleção*? — perguntei.

— Só uma, que eu saiba. — Ele tirou um recorte de jornal amarelado do bolso e desdobrou-o. — Foi apresentada em 1955. Ela mandou fazer as amostras em Londres porque, na altura, era mais barato. Também era contra os regulamentos da alta-costura, por isso a alfândega francesa confiscou as peças. Em menos de duas semanas, ela refez a coleção aqui e ela mesma desfilou as roupas na Plaza Athénée. Foi muito bem recebida.

Olhei, espantada, para a ilustração encantadora de uma silhueta com uma blusa elegante de colarinho levantado e uma saia de cetim de cintura marcada, acompanhada por uma fotografia da mamã com um lápis na mão, sentada a uma secretária numa pose estudadamente artística.

— Pelo que sei — continuou ele —, foi-lhe proposto investir na sua própria casa de moda.

Ergui os olhos na sua direção, recordando as palavras dela: *Devemos encontrar algo que amemos fazer... Eu encontrei-o em Paris.*

Ele sorriu.

— Devias guardar isto, como recordação.

— Obrigada. — Dobrei o artigo novamente e guardei-o no bolso, resistindo à vontade de lhe perguntar por que se tinha dado ao trabalho de desenterrar aquilo de um arquivo de moda empoeirado. Era óbvio que a Betty também lhe tinha falado de mim ou, mais especificamente, da minha mãe. E, embora a revelação de que a mamã tinha feito mais do que andar por aí com vestidos arrojados me tivesse apanhado desprevenida, não percebia o objetivo de me entregar um recorte antigo sobre o trabalho dela.

A Betty passava um charro ao Yves, que se derretia no sofá com à-vontade, os olhos azuis por trás dos óculos a ficarem vidrados.

A Paloma tirou o turbante para lho mostrar. Ele explorou-o como se fosse carne, os dedos a interpretar os vincos e costuras subtis.

— Se quiséssemos contratar-te — disse o Pierre, surpreendendo-me —, o que gostarias de fazer? O Yves desenha as nossas coleções. Estamos a expandir a casa e à procura de ajuda.

Devo ter ficado com cara de parva. Nunca ninguém me tinha perguntado o que eu queria fazer na moda. Nem eu mesma alguma vez o tinha feito. Limitava-me a fazer o que me vinha com naturalidade. Um vislumbre fugaz de pedras esmaltadas entrelaçadas em metal passou-me pela cabeça; vi-me numa secretária, como a mamã na fotografia. O resto era vago, por formar.

— Não sei — disse. — Nunca trabalhei em alta-costura.

— Mas sabes vestir-te — respondeu ele, como se fosse mais um facto inquestionável. Lançou um olhar ao Yves. Um fio invisível parecia vibrar entre eles. Quase treze anos juntos, tinha dito o Fernando. Eu não conseguia imaginar uma relação a durar tanto tempo.

Fumo pairava em torno do cabelo do Yves enquanto ele fumava, e a Paloma rodopiava para ele, fazendo o vestido girar. Parecia completamente absorvido nela, cego e surdo a tudo o resto, até que disse, sem me olhar:

— Loulou, como usarias isto?

A Paloma virou-se para mim com um desafio implícito no olhar.

— Ela pode usá-lo como bem entender. Não é esse o objetivo? O que não souber, vai aprender — resmungou a Betty no sofá.

Estariam eles a *testar-me*?

Fingi indiferença enquanto estudava o vestido. Era em segunda mão; já tinha feito compras suficientes em feiras da ladra e lojas de roupa usada para reconhecer os ombros datados e exageradamente acolchoados, e a cintura apertada. No padrão florido, havia indícios de folhas, como pequenos trevos. Imaginei uma estrela de cinema da época a usá-lo.

— Com uma boá de penas verdes — disse eu. — Como a Dietrich. Caiu um silêncio repentino, como se eu tivesse dito o impensável.

— Maravilhoso! — exclamou a Paloma, apontando-me um dedo. — Tu gostas *mesmo* de revirar sótãos. Encontrei este vestido no armário da minha mãe; é dos anos 40. Fiz o colar de *strass* para combinar. O Yves gosta tanto dele que me pediu para desenhar joias para a sua *boutique*. Uma boá verde seria sublime. *Porque* não pensei eu nisso...?

Parou de repente, percebendo o que acabara de admitir em voz alta. O sorriso atento do Fernando não se desfez. A Betty encolheu os ombros, como se fosse inevitável.

Senti o fio entre o Pierre e o Yves vibrar novamente.

— E então? — perguntou o Pierre, sem se dirigir a ninguém em específico.

O Yves levantou o rosto para mim. O seu sorriso lento transbordava intimidade, como se fôssemos cúmplices de um segredo recém-descoberto.

— Acho — disse ele — que devias vir visitar-me ao meu estúdio no Hôtel Forain.

Horas depois, saíram numa nuvem de risos intoxicados. O Fernando recusou o convite deles para jantar, alegando estar cansado. Vi a Paloma aproximar-se dele para uma breve troca de palavras, num tom de desculpa, mas, tirando isso, comportou-se como se nada de anormal tivesse acontecido, mesmo depois de a porta se fechar atrás do grupo.

— Isto foi inesperado — disse, por fim. Ele estava, aliás, inquietantemente sóbrio, apesar da tarde de excessos, a empilhar chávenas sujas no lava-louça e a esvaziar cinzeiros.

— Não vou aceitar — disse eu.

— O quê? Claro que vais.

— Não. Não gostei do que eles fizeram. — A minha voz vacilou. — Ele roubou-te a Paloma.

— Ele não a roubou. — O Fernando passou o bule de chá por água. — Ela explicou-me. Encontraram-se num jantar dos

Rothschild, onde ele elogiou as joias dela. A Paloma perguntou-lhe quanto achava que devia cobrar. Ele ofereceu-se para testar preços na *boutique*. Ela seria louca se não aceitasse. E tu também.

— Fernando, isso não é justo...

Ele afastou-se do lava-louça e dirigiu-se para a sala, onde o cheiro pungente a tabaco e marijuana ainda pairava. De repente, ficou imóvel, como se não suportasse olhar para as marcas deixadas por eles no sofá.

— Podes ficar aqui o tempo que quiseres. Vai vê-lo. Foi para isso que vieste para Paris.

Atrás de mim, a água pingava no lava-louça.

— Vim para te ver a ti — comecei.

— Loulou. — O olhar que ele me lançou por cima do ombro cortou a minha objeção. — Tu queres isto. Vi-o nos teus olhos quando fomos ao desfile dele. Vi-o outra vez hoje. E ele deve querê-lo também.

— Mal o conheço. Não sei o que ele quer. — Ou, pensei, o que eu própria queria.

— Sabes. Não és como a Betty.

— O que é que isso quer dizer? — Ouvi o tilintar do gelo do martini da minha mãe.

Estilo é a coragem de fazermos o que nos apetece.

— Ela não leva isto a sério — disse ele. — Além disso, está grávida.

Fitei-o, surpreendida.

— Está?

— Foi o que ela disse ao Yves. Já não quer ser modelo. Embora... — soltou uma risada seca — não consiga imaginá-la a criar um bebé ou a recusar roupa de graça.

— E eles acham que eu posso *substituí-la*?

— Ela nunca trabalhou para eles. O Yves veste-a para ir às inaugurações da *boutique* dele e posar para fotos. É a mulher ideal dele. É tudo o que ela faz... e é tudo o que quer fazer. A Betty não está interessada em ir trabalhar todos os dias.

— O que é que eles querem de mim? — Detestava ter falhado em perceber a intriga que se desenrolava à minha volta. — Por causa disto? — Tirei do bolso o recorte dobrado. — Porque a minha mãe vendeu roupas para a Schiaparelli e desenhou uma coleção? Eu posso não ser a Betty, mas também não sou nada parecida com a minha mãe.

— Não és. És diferente. O Yves percebe isso. É o sexto sentido dele. — O Fernando tirou o casaco do cabide junto à porta. — Eu também o percebo.

Dei um passo na sua direção. Ele apressou-se a levantar a mão para me travar.

— Vou sair para aclarar as ideias. Depois disso, vou renovar o contrato com a Revillon e reservar um voo para Nova Iorque. De volta aos meus casacos de peles e às ilustrações para a *Vogue*. Vou ficar bem.

— Então eu vou contigo. Podemos fazer as tuas amostras lá, apresentar o teu desfile na Factory. O Andy adora ser anfitrião de eventos de moda.

Ele abanou a cabeça.

— Loulou, não estás a pensar com clareza. Trabalhar para o Yves é uma oportunidade única na vida.

— Não foi para ti. Foste tu que me convidaste primeiro.

— Eu não tenho um emprego para oferecer. Não tenho uma casa. Não sou nada, comparado com ele.

Senti um nó na garganta.

— Para mim, és alguém.

O Fernando ficou em silêncio durante um momento doloroso, antes de dizer baixinho:

— Não me vais dizer que estás apaixonada por mim?

— Não. — Tentei, sem sucesso, esboçar um sorriso. — Não estou. Eu sei que é...

— Impossível. — Ele soltou um suspiro. — Seja o que for isto entre nós... não pode durar.

— Eu entendo — falei suavemente, porque entendia. Sempre soube, lá no fundo, mesmo antes de a Betty mencionar fosse o que fosse. — Tu preferes homens.

Embora esperasse que dizer aquilo em voz alta aliviaria o peso no ar entre nós, ele pareceu estremecer.

— Então não tornemos isto mais complicado do que é. Podemos continuar amigos. Bons amigos. Não quero perder isso.

— Serei sempre tua amiga. Não queria que nada disto acontecesse.

— Nunca ninguém quer. Não fiques acordada à minha espera.
— Com um aceno de cabeça, ele saiu.

Lavei a louça, dei um jeito à sala e andei de um lado para o outro no apartamento, fumando um charro com as janelas abertas, ouvindo o riso de quem passava na rua e o som das buzinas a encher a noite.

Tinha a cabeça à roda, a euforia do dia esmagada pela desilusão que sentia pelo Fernando. O facto de termos acabado a nossa ligação romântica, se é que assim se lhe podia chamar, magoava-me bem menos do que o pensamento persistente de que, involuntariamente, o tinha traído. Ele tinha-me acolhido de braços abertos, confiado em mim os seus sonhos para a nova linha. Eu queria concretizar esses sonhos ao lado dele, mesmo sabendo que não duraríamos como mais do que amigos, apenas para tudo ser aniquilado no seu próprio apartamento, por pessoas que ele também chamava de amigos.

Acabei por despir a roupa e atirei-me para a cama, a remoer.

Enquanto adormecia, o sorriso enigmático do Yves assaltou-me os pensamentos.

Devias vir visitar-me no meu estúdio.

O Fernando não regressou naquela noite.

Uma obra de ficção inesquecível sobre uma época tumultuosa na história da moda, e o retrato fiel da amizade entre duas almas gémeas icónicas.

Anos 1970. Da Londres hippie à Factory de Warhol em Nova Iorque, a relutante aristocrata Loulou de la Falaise anseia por aventura. Tendo escapado de um casamento infeliz, chega a Paris, capital da moda, do *glamour* e dos excessos, onde a tradição e a disrupção competem pela supremacia. É aqui que conhece o príncipe da moda parisiense, o célebre e talentoso Yves Saint Laurent, cujos *smokings* femininos sensuais e *boutiques* Rive Gauche refletem o desejo das mulheres pela independência, desejo que Loulou bem conhece.

O estilo boémio de Loulou rapidamente capta a atenção de Saint Laurent, e assim embarcam numa amizade profunda como artista e musa. Juntos, deleitam-se em festas decadentes e no hedonismo da alta sociedade, até que tudo deixa de correr como esperado. O percurso de Yves Saint Laurent colide com o do excêntrico Karl Lagerfeld, nascendo uma rivalidade profissional que divide a elite da moda de Paris.

Enquanto Yves mergulha num caso secreto e perigoso com o enigmático jovem companheiro de Karl, e Loulou se apaixona pelo namorado da chefe do gabinete de imprensa da casa YSL, a fantasia e a traição quase os levam à ruína.

«O espírito dos anos 1970 no seu apogeu [...] com todos os nomes notáveis da época, incluindo Halston, Warhol e Paloma Picasso.»

Booklist

Do mesmo autor:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-721-2



9 789895 837212